

**MASCULINIDADES EM CORPOS FEMININOS:
UMA ARTICULAÇÃO ENTRE PESQUISA E EXTENSÃO NO ESTADO DA BAHIA**

Suely Aldir Messeder*

Resumo

Pretende-se apresentar a pesquisa e os trabalhos de extensão desenvolvidos no âmbito do projeto intitulado **Masculinidade em corpos femininos** no Estado da Bahia. No decorrer de, aproximadamente, três anos foram realizados seis grandes ações: 1) a pesquisa exploratória com a criação da logomarca; 2) a articulação intersectorial com as Secretarias e o Ministério Público do Estado da Bahia; 3) o I Seminário e Treinamento em Metodologia em Sexualidades, Gênero e Direitos Humanos; 4) a pesquisa quantitativa sobre o perfil das mulheres que participaram da Parada LGBT, em Alagoinhas; 5) as entrevistas sobre a biografia das mulheres “masculinizadas”; e 6) um vídeo documentário sobre o cotidiano de três mulheres “masculinizadas”. Aqui, pretende-se detalhar de forma panorâmica as seis macroações, pois, embora elas possuam suas especificidades, todas tiveram como tessitura a ideia da ética de pesquisa sobre sexualidades que tem a ver com o princípio da governamentalidade cujo conteúdo se deslinda na busca de libertá-la do monopólio dos movimentos sociais, dos blocos monistas dos saberes teóricos e da tutela do Estado, sem desprezá-los individualmente, mas atenta às suas predileções ao poder.

Palavras chave: Mulheres masculinizadas. Pesquisa e extensão.

**Masculinities in female bodies:
an articulation between research and extension services in the state of Bahia**

Abstract

This paper presents the research and extension services work carried out in the Project entitled “Masculinities in female bodies in the State of Bahia”. In a period of approximately three years, we developed six big actions: 1) exploratory research with the creation of a logo; 2) inter-sectorial articulation with the Secretariats and the of the State Attorney’s Office of Bahia; 3) the I Seminar and Training in Sexualities, Gender and Human Rights Methodology; 4) quantitative research on the profiles of women who participated in the LGBT Pride Parade in Alagoinhas; 5) interviews on the biography of ‘masculinized’ women; and 6) a documentary video on the everyday lives of three ‘masculinized’ women. The purpose here is to delineate the six macro-actions in a panoramic manner. Although each had its own specificities, they all shared the notion of the ethics of research on sexualities pertaining to the principle of governmentality, seeking to free it from the monopoly of social movements, the monist blocks of theoretical knowledge, and from state tutelage, but without disdaining them individually, yet attentive to their power predilections.

Keywords: Masculinized women. Research and extension services.

* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela UFBA e Doutorado em Antropologia pela Universidade Santiago de Compostela. É professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atualmente, é coordenadora do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento via UNEB e professora permanente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Crítica Cultural do Campus II – Alagoinhas. É coordenadora do Grupo de Pesquisa Enlace e foi primeira secretária da ABEH (Associação Brasileira de Estudos de Homocultura) no decorrer da gestão de 2010-2012.

O problema ético da definição das práticas de liberdade é, para mim, muito mais importante do que o da afirmação, um pouco repetitiva, de que é preciso liberar a sexualidade ou o desejo. (FOUCAULT, 2004).

A epígrafe escolhida para apresentar a pesquisa e as atividades de extensão deslanchadas no projeto intitulado “Masculinidades em corpos femininos”¹ tem a ver com o fio condutor que se pretendeu acolher em todos os momentos vivenciados em, aproximadamente, quatro anos de existência deste projeto. Esta ideia sobre a ética talvez tenha sido uma das maiores razões que me levaram às problematizações das sexualidades e das relações de gênero quanto ao monopólio dos movimentos sociais, dos blocos monistas dos saberes teóricos e da tutela do Estado, sem desprezá-los individualmente, mas atenta às suas predileções ao poder.

Quando iniciei a minha leitura sobre Cassandra Rios², deparei-me com a narrativa sobre uma das suas personagens que me impressionou muitíssimo:

Ativa. Sem medo. Estabelecida no que era para viver e fazer o que bem entendesse, sem se importar com as indignações dos menos dotados de solidariedade humana (2005, p. 27).

¹ Estas ações abarcam dois projetos “Masculinidades em corpos femininos e suas vivências: um estudo sobre os atos performativos masculinos reproduzidos pelas mulheres nas cidades de Alagoinhas, Camaçari e Salvador”, e “Masculinidade em corpos femininos: tecendo articulações entre pesquisa, extensão e políticas públicas sobre e com estas mulheres”, aprovados pelo Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA nº 20/2010 – Relações de Gênero, Mulheres e Feminismo/e pelo Edital 021/2010 – Apoio à Articulação Pesquisa e Extensão – FAPESB, respectivamente.

² Rick Santos (2005) advoga que as obras de Cassandra Rios, pseudônimo de Odete Rios (1932-2002), foram importantes para criar a literatura lésbica no Brasil desde a década de 1940. Piovezan (2009) nos mostra que, se, por um lado, Cassandra Rios foi perseguida pela ditadura militar e tachada como escritora pornográfica bem como esquecida da Academia por seu estilo literário, considerado por muitos como uma narrativa pouco sofisticada, utilizando-se de uma linguagem linear e direta, por outro lado, temos uma autora que consegue vender massivamente em tiragens que recorrentemente alcançavam 300.000 exemplares. Neste espaço, quero agradecer à mestre do Mestrado de Crítica Cultural, Ana Gabriela Pio Pereira por ter me apresentado a Cassandra Rios, através da sua escrita que se intitula *Escritas excessivas: as configurações do desejo lésbico na ficção de Cassandra Rios* e, também, ao seu orientador, Dr. Paulo Garcia, por ter me consentido o prazer de participar como avaliadora em sua banca do mestrado.

Quando nos debruçamos sobre o parágrafo acima, duas ideias saltam aos olhos: a) de quem se está falando? b) quem são os outros? – daí, sabemos que as questões proliferam; c) será que a ideia de sujeito vulnerável cabe neste contexto? d) será que importam os direitos humanos para os menos dotados de solidariedade humana?

Primeiramente, temo em discorrer sobre uma relação que se interpõe nas questões acima formuladas: o Nós e o Outro. O Nós pensado enquanto universal e o Outro enquanto a demonização, como nos fala Butler: “o excremento”, o abjeto – aqueles/as que não importam, aqueles que vivem nas regiões sombrias da ontologia. Como antropóloga com a identidade política de mulher, lésbica, nordestina e baiana implicada de forma geopolítica, penso que as ações afirmativas e os direitos humanos devem ser constituídos como dispositivos para a construção da laicidade do Estado.

A construção da laicidade do Estado deve ser cotejada a partir do diálogo ininterrupto entre o conhecimento científico e o conhecimento produzido pelo movimento social orgânico, sob pena de retrocesso ao Estado teológico. O diálogo oxigenado proposto não deve prescindir do debate das relações de poder. De um lado, quando nos reportamos à materialidade de “quem” está presente no discurso de Cassandra Rios, reconhecemos, pela flexão de gênero (“ativa”, “estabelecida”), que se trata de uma mulher masculinizada, com efeito, estamos diante da OUTRA. Por outro lado, quando estamos nos referindo ao Nós, referimos ao discurso ideológico que tem como base o sujeito universal, constituído nos pilares da Revolução Francesa – Liberdade, Igualdade e Fraternidade (Solidariedade) – cujo conteúdo fortaleceu os aparelhos ideológicos do Estado.

Este breve preâmbulo garante o desejo de descrever as ações que vêm sendo desenvolvidas desde o final de 2010. As próximas seções irão abordar as questões metodológicas, os resultados e discussões, e as considerações finais e irão cotejar as seis macroações que estão sendo desenroladas entre si e, por vezes, de forma superposta: 1) A pesquisa exploratória com a criação da logomarca; 2) A articulação intersetorial com as Secretarias e o Ministério Público do Estado da Bahia; 3) I Seminário e Treinamento em Metodologia em Sexualidades, Gênero e Direitos Humanos; 4) a pesquisa quantitativa sobre o perfil das mulheres que

participaram da Parada LGBT em Alagoinhas; 5) as entrevistas sobre a biografia das mulheres “masculinizadas”; e 6) um vídeo documentário sobre o cotidiano de três mulheres “masculinizadas”. Antes, porém, de adentrarmos nas seções, iremos identificar **Quem** são as nossas interlocutoras e conhecer o contexto no qual vem sendo desenvolvido este projeto.

QUEM SÃO ELAS: As mulheres masculinizadas

Diferentemente das mulheres consideradas verdadeiras que ainda possuem estereótipos positivos, as mulheres masculinizadas, em quase sua totalidade, carregam estereótipos negativos. Até mesmo pesquisadores/as que se dizem bem intencionados/as no combate à homofobia, deslizam em suas lesbofobias ou em seu terror por mulheres masculinas. Em 2010, no Colóquio Combatendo Homofobia, coordenei a mesa intitulada (Des)Identificações sexuais, que teve como palestrantes: Laura Moutinho, Luiz Felipe Rios e Luiz Mott. A palestra desenvolvida por Mott teve como tema um Panorama sobre a Homofobia no Brasil. No decorrer do debate final, ao ser inquirido sobre os crimes que incidem sobre mulheres lésbicas, ele argumentou que existem poucos assassinatos de mulheres lésbicas em relação aos homens gays, mas mesmo com este número pequeno, arriscava-se a tecer comentários de que a *causa mortis* de mulheres lésbicas, diferentemente dos gays, decorreria da relação passional entre elas, e que ele suspeita que são as mulheres-machudas, as violentas.

Neste projeto, as mulheres masculinizadas têm dois tipos de participação: como pesquisadoras e como interlocutoras. Aqui, focamos as mulheres negras e não negras; as mulheres em unidades carcerárias e mulheres microempresárias. Deve-se destacar o mergulho na produção literária.

Para se compreender quem são elas, estas mulheres, devemos enfrentar, simultaneamente, duas dicotomias representadas nas relações de gênero e nas relações de sexualidades quer seja no senso comum quer nas ciências. Nas representações de gênero, costumamos idealizar os homens verdadeiros e as mulheres verdadeiras e, desta forma, criamos ficções de corpos sexuados e prescrevemos atos performativos que devem ser repetidos, seguindo rituais de pertencimentos e, com isto, fabricamos as tecnologias de gênero desde a nossa tenra infância: meninos são seres masculinizados,

meninas são seres feminilizados. Em relação às questões das sexualidades devemos superar a famosa dicotomia, por um lado heterossexual, por outro lado homossexual. Aqui, advogo a descontinuidade entre gênero, sexo e desejo e, desta forma, considero que o movimento de masculinização ou de feminilização não tem a ver diretamente com os desejos amorosos ou sexuais dos seres humanos.

Abaixo apresento a logomarca criada exclusivamente para expressar a ideia do projeto:



Quando analisamos a logomarca fazemos uma crítica em relação ao marcador social etário, uma vez que pretendíamos abarcar, sem exatamente sermos peremptórios, os marcadores sociais mais discriminatórios nas relações sociais: classe, raça, etário, orientação sexual e gênero.

Contexto

Este projeto se desenvolve em três cidades do Estado da Bahia: Alagoinhas; Camaçari e Salvador as quais abrigam os Campus II, XIX, I da Universidade do Estado da Bahia, respectivamente. Estas cidades foram selecionadas por serem as áreas de atuação mais direta da coordenadora deste projeto, a saber: Mestrado em Crítica Cultural, o Departamento de Ciências Humanas e Tecnológicas e o Doutorado Multidisciplinar, Multi-institucional em Difusão de Conhecimento. Considera-se de fundamental importância neste projeto a perspectiva comparativa entre capital e interior.

A pesquisa e os procedimentos metodológicos

Esta pesquisa inicia-se oficialmente, nos finais de 2010, e para os órgãos financiadores conclui-se em 2013. Podemos caracterizá-la em seis fases distintas: 1) a pesquisa exploratória com a criação da logomarca; 2) a

articulação intersetorial com as Secretarias e o Ministério Público do Estado da Bahia; 3) o I Seminário e Treinamento em Metodologia em Sexualidades, Gênero e Direitos Humanos; 4) a pesquisa quantitativa sobre o perfil das mulheres que participaram da Parada

LGBT, em Alagoinhas; 5) as entrevistas sobre a biografia das mulheres “masculinizadas”; e 6) um vídeo documentário sobre o cotidiano de três mulheres “masculinizadas”. De uma forma panorâmica temos o seguinte cenário destas fases:

FASES DO PROJETO	PERÍODO	DESENHO DA PESQUISA	INSTRUMENTOS	RESULTADO
Pesquisa Exploratória	01 (um) ano	Qualitativo	História de Vida	08 entrevistas Criação da Logomarca
Articulação Intersetorial	03 anos	Qualitativo	Encontros sistemáticos	Recurso para as bolsistas Recurso para o vídeo
Treinamento	03(três) meses	Qualitativo e quantitativo	Curso de etnografia e demografia/oficinas de teatro, capoeira e yoga	Seminário Seleção das 05 bolsistas
Pesquisa Quantitativa	01 anos	Quantitativo	Aplicação de survey na Parada Gay de Alagoinhas	198 surveys aplicados e analisados
Pesquisa Qualitativa	01 (um) ano	Qualitativa	História de Vida	20 Entrevistas
Elaboração e realização do documentário	6 (seis) meses	Gravar o cotidiano de três mulheres lésbicas masculinizadas	Filmagem Edição	Vídeo “Fio das masculinidades” 20 Minutos

Fonte: Relatório de Pesquisa FAPESB e CNPQ (2013)

Metodologia

Para verificar os procedimentos metodológicos que vêm sendo empregados neste projeto, far-se-á uma breve apresentação individual das macroações.

Sobre a pesquisa exploratória

Na pesquisa exploratória, teve-se a oportunidade de elaborar um roteiro de entrevista, muito embora estivesse presente a concepção de que a história de vida das mulheres não deveria ser conduzida pela pesquisadora. O roteiro deveria servir como uma espécie de memória a ser consultada pela pesquisadora ao final da entrevista para saber se todas as questões que interessavam na vivência das mulheres tinham sido devidamente conhecidas.

Trata-se de uma pesquisa com a quantidade de população incerta, sobretudo, por não estarmos lidando com a ideia de comunidade física, tampouco, imaginária, nos termos de Anderson Benedict. As nossas entrevistadas foram interpeladas em diversas situações sociais e de método de pesquisa conhecido: rede de amizade; em espaços de trabalho, em sala de ginecologistas.

A pesquisa exploratória ensejou a criação da logomarca das mulheres masculinizadas, com a finalidade de

deslocar o olhar e entender as masculinidades e as sexualidades desnaturalizadas.

Sobre o Treinamento

O treinamento ocorreu no período de 29 de maio a 4 de junho de 2012 e teve como um dos seus objetivos selecionar 20 cursistas e, posteriormente, pinçar dentre eles/as, 5 para se tornarem bolsistas atuantes na pesquisa. Deve-se acrescentar que o treinamento ocorreu em regime semiaberto.

Desenvolvido a partir desta modalidade, oportunizou-se a difusão do conhecimento sobre as temáticas não somente para os 20 cursistas, mas também para um público maior, que pôde assistir à programação do Seminário considerado como parte do treinamento aberto. Pode-se acrescentar que o Seminário aconteceu de forma itinerante, em três distintos espaços da cidade de Salvador – Auditório do Ministério Público da Bahia, Auditório da Câmara Municipal de Salvador e o Auditório do Centro de Estudos dos Povos Afro-Índio-Americano (CEPAIA) – tendo como objetivo compartilhar o conhecimento sobre sexualidades e direitos humanos, em espaços territoriais com uma forte expressão simbólica no contexto baiano e, com isto, reforçar a difusão de uma linguagem positiva sobre as sexualidades, além de fortalecê-la no enlace com as questões raciais.

Sobre a pesquisa

A pesquisa se desenrola por meio de procedimentos quali-quantitativos. Na primeira fase exploratória, foram realizadas 8 entrevistas sobre as histórias de vidas de nossas interlocutoras cuja análise horizontal possibilitou a formulação do questionário para a pesquisa quantitativa. A segunda fase da pesquisa se desenvolveu com a aplicação de 198 questionários para apreender o perfil das mulheres que participaram da Parada Gay da cidade de Alagoínhas. A terceira fase se iniciou com as entrevistas que foram também realizadas pelas 5 bolsistas e voluntárias que foram selecionadas a partir do Treinamento, temos uma total de 20 entrevistas.

Resultados e discussões

Sobre o Treinamento

No regime aberto, contamos com a conferência de abertura de Maria Luiza Heilborn, versando sobre

sexualidades e as ciências humanas. Tivemos ainda cinco mesas, cujas temáticas tratavam dos direitos humanos, nacionalidades, religiosidades, musicalidades e corporalidades, focando o caminho do “fazer metodológico”.

No regime fechado, o trabalho nas oficinas de teatro, yoga e capoeira incidiu na ideia de ato performativo e na biografia dos/as envolvidos/as no treinamento. Além destas oficinas, que visavam a ideia não dicotômica de mente/corpo, foram realizadas oficinas de antropologia e demografia. Os cursistas permaneceram no hotel com o intuito de facilitar a imersão total no curso, pelos menos, territorialmente.

A partir deste treinamento, foi implantado o Programa Multi-Institucional, Multi-Disciplinar de Treinamento Em Metodologia de Pesquisa em Sexualidades, Gênero e Direitos Humanos, na Universidade do Estado da Bahia. Abaixo a programação do evento:

TREINAMENTO E SEMINÁRIO EM METODOLOGIA DE PESQUISA EM SEXUALIDADE, GÊNERO E DIREITOS HUMANOS

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

Coordenação Geral

Suely Aklr Messeder
Márcia Regina Ribeiro Teixeira

Comissão Científica

Acácia Batista
Alessandra Chacham
José Claudio Rocha
Laura Moutinho
Lilian Marinho
Maria Nazare Mota de Lima
Mary Castro

29

DE MAIO
DE 2012

TERÇA-FEIRA – Auditório do Ministério Público

8:00h – Chegada dos cursistas no Ministério Público e de outros participantes

8:30h – Mesa Institucional

10:00h – Palestra de abertura: Maria Luiza Heilborn (UERJ)

12:00h – Troca de experiência

13:00h – Almoço

14:00h – Sexualidades, gênero e direitos humanos:

José Claudio Rocha (UNEB)
Márcia Teixeira (GEDEM – MP)
Rosa Oliveira (UNICAMP)

17:00–18:00h – Debate
Coordenação: Roberto Loyola

30

DE MAIO
DE 2012

QUARTA-FEIRA – Auditório da Câmara Municipal de Salvador

8:00h – Oficina de teatro: Walter Rozadilla

11:00h – O fazer antropológico: Suely Messeder

12:00h – Troca de experiência

13:00h – Almoço

14:00h – Sexo, práticas sexuais e mulheres:

Eliene Maio (UEMA)
Nádia Nogueira (UNICAMP)
Irina Bacchi

17:00–18:00h – Debate
Coordenação: Izaura Cruz (UFBA)

31

DE MAIO
DE 2012

QUINTA-FEIRA – Auditório do Ministério Público

8:00h – Oficina de teatro: Walter Rozadilla

11:00h – O fazer antropológico:
Laura Moutinho e Suely Messeder

12:00h – Troca de experiência

13:00h – Almoço

14:00h – Relações interracialis, Estado-

nção e branquitude:
Laura Moutinho (USP)
Suely Messeder (UNEB)
Suzana Mala (UFRB)

17:00–18:00h – Debate
Coordenação: Adriana Prates (UFBA)

01

DE JUNHO
DE 2012

SEXTA-FEIRA – Auditório do Ministério Público

8:00h – Oficina de teatro: Walter Rozadilla

11:00h – O fazer antropológico:
Laura Moutinho e Suely Messeder

12:00h – Troca de experiência

13:00h – Almoço

14:00h – O corpo, religião, musicalidade
e sexualidade:
Miriam Rabelo (UFBA) (a confirmar)
Murilo Arruda (UFBA)
Licia Maria Barbosa (UNEB)

17:00–18:00h – Debate
Coordenação: Isabelle Sanches (UNEB)

02

DE JUNHO
DE 2012

SÁBADO – Auditório da Câmara Municipal de Salvador

8:00h – Oficina feminina e masculino na yoga: Ana Castro

10:00h – Demografia e sexualidades novas abordagens
e desafios: Alessandra Chacham (PUC-MG)

12:00h – Troca de experiência

02

DE JUNHO
DE 2012

13:00h – Almoço

SÁBADO – Cinecena UNIJORGE

14:00h – Sexualidades possíveis:
Fernanda Bezerra (Produtora)

03

DE JUNHO
DE 2012

DOMINGO – Auditório da Câmara Municipal de Salvador

8:00h – Oficina de capoeira: Nildes Sena

10:00h – Demografia e sexualidades novas abordagens
e desafios: Alessandra Chacham (PUC-MG)

12:00h – Troca de experiência

13:00h – Almoço

14:00h – Africanidades sem corpo?:
Maria Nazaré Mota de Lima (UNEB)
Joselina Silva (UFCE)
Eduardo Oliveira (UFBA)

17:00–18:00h – Debate
Coordenação: Vilma Reis (UNEB)

04

DE JUNHO
DE 2012

SEGUNDA-FEIRA – Auditório da Câmara Municipal de Salvador

9:00h – Avaliação do curso pelos participantes

12:00h – Troca de experiência

13:00h – Almoço



Sobre a Pesquisa

As histórias de vida das nossas interlocutoras têm sido analisadas nas três dimensões dos estudos de gênero: a) relação de poder; b) relação do mundo do trabalho; e c) relação de desejo. Na vivência destas mulheres, considera-se, em suas trajetórias, os temas da infância, família, amigos, escola, religiosidade, saúde, experiências amorosas/sexuais, relações raciais e mundo do trabalho. Na pesquisa quantitativa, observou-se que a apreensão do universo de mulheres masculinizadas ficou bastante reduzida em relação ao universo das outras mulheres. Estes resultados serão mitigados, posteriormente, considerando a possibilidade de esta pesquisa-piloto servir de parâmetro para a sua posterior realização na Parada do Orgulho Gay, nas cidades de Salvador e Camaçari. Além destas pesquisas na área sociocultural, tem-se empreendido esforços no âmbito da literatura brasileira que versa sobre a temática de mulheres masculinizadas, com destaque para as obras *Luiza Homem, As Traças, O Gamo e a Gazela*, na linguagem cinematográfica e nas telenovelas brasileiras.

Sobre a Perspectiva Intersetorial na Produção e Difusão do Conhecimento

Nas negociações com as Secretarias do Estado celebramos dois convênios com a Secretaria de Políticas para as Mulheres e a Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH). A participação da primeira Secretaria ocorreu durante o treinamento, mediante a liberação de recurso para as passagens aéreas das três convidadas palestrantes e se constrói, em uma perspectiva simbólica, no projeto, que tem a ver com a ideia conceitual de se discutir a temática de mulheres. A SJCDH tem sua participação desde a elaboração do projeto e se efetiva através da liberação do recurso para pagamento das cinco bolsistas.

A parceria com o Ministério Público da Bahia se construiu com o objetivo de elaborar uma campanha de combate à discriminação da população LGBT, com ênfase nas mulheres masculinizadas que teve como produto o documentário intitulado “Fio das Masculinidades” cujo conteúdo traz o cotidiano de três mulheres masculinizadas, Natália Lima, Fernanda Santos e Bárbara Maia, por meio da narrativa de suas histórias de vida, abordando aspectos relevantes da infância, adolescência e vida adulta. Tais relatos são

intercalados com depoimentos da promotora de Justiça do Estado da Bahia, Márcia Teixeira, da doutora em antropologia, Suely Messeder, e da médica ginecologista, Ivone Nascimento.

Pretende-se, com este trabalho, questionar a masculinidade como qualidade inerente e exclusiva do homem, passando ao largo da intenção de romantizar a perspectiva de gênero/sexo presente em nossa sociedade, simplesmente porque sabemos da existência de um terceiro gênero em outras culturas, ou questionar a dicotomia de gênero, sem levá-la em conta. A aspereza da experiência pessoal é posta sem sombras, a luz clara enaltece os discursos e os sorrisos são armas poderosas para superar e desafiar os corpos sexuados, enquanto homem (masculino) e mulher (feminino) e, com isto, a certeza da construção de um mundo mais digno e respeitoso.

Sobre o Documentário

O vídeo intitula-se “Fio das Masculinidades” é um documentário, cujo conteúdo traz o cotidiano de três mulheres masculinizadas, Natália Lima, Fernanda Santos e Bárbara Maia, por meio da narrativa de suas histórias de vida, abordando aspectos relevantes da infância, adolescência e vida adulta. Tais relatos são intercalados com depoimentos da promotora de Justiça do Estado da Bahia - Márcia Teixeira, da doutora em antropologia - Suely Messeder e da médica ginecologista - Ivone Nascimento. Pretende-se, com este trabalho, questionar a masculinidade como qualidade inerente e exclusiva do homem, passando ao largo da intenção de romantizar a perspectiva de gênero/sexo presente em nossa sociedade, simplesmente, porque sabemos da existência de um terceiro gênero em outras culturas ou questionar a dicotomia de gênero, sem levá-la em conta. A aspereza da experiência pessoal é posta sem sombras, a luz clara enaltece os discursos e os sorrisos são armas poderosas para superar e desafiar os corpos sexuados, enquanto homem(masculino) e mulher(feminino), e com isto, a certeza da construção de um mundo mais digno e respeitoso.

Considerações Finais

“Achava que a ciência deveria colaborar contra o preconceito, essa pesquisa parece reafirmar o

preconceito, sempre pensei numa ciência sem preconceitos”.

Esta frase foi evocada por um professor que estava na plateia da XVI Jornada de Iniciação Científica da UNEB, em outubro de 2012. A assertiva foi lançada no momento do debate iniciado logo após a apresentação do bolsista de iniciação científica desta pesquisa. Ela me causou perplexidade e um sentimento de indignação, muito embora não tenha sido esta a primeira vez que o debate sobre mulheres masculinizadas e sexualidades em uma perspectiva rizomática e desconstrucionista provocou o excesso de desconforto na audiência, seja no senso comum seja por parte de alguns acadêmicos.

Fui convidada a me posicionar diante desta questão enquanto coordenadora da pesquisa, e, então, pude me manifestar em quatro direções.

1) A ingenuidade, por parte do professor, uma vez que sabemos que, ao longo da história das ciências, ficou evidenciada a posição androcêntrica, racializada e homofóbica, a exemplo da tabela de Gobineau, das ideias de Lombroso e da história da Vênus Negra, todas versando sobre questões raciais e, a ainda bem recente retirada da homossexualidade do Código Internacional de Doenças (CID), sendo que, até o momento atual, a transexualidade é vista como uma patologia, além de toda a construção de uma linguagem negativa da sexualidade construída pela própria ciência médica e psiquiátrica.

2) A dicotomia masculino–feminino, intrinsecamente vinculada ao diformismo sexual, constrói a ficção dos corpos sexuados, masculino e feminino e, com efeito, deixa na zona do ininteligível as outras formas de reconhecimento de seres humanos, tornando seres abjetos as pessoas que vivenciam as fronteiras destas relações de gênero/sexo.

3) Advoga-se a descontinuidade entre gênero, sexo e desejo e, desta forma, considero que as interlocutoras desta investigação não deverão ser associadas à famosa dicotomia: de um lado, heterossexual, do outro, a homossexualidade (lesbianidade).

4) Por último, a necessidade de refinar o vocabulário, ampliar e sofisticar a lente da compreensão sobre as ficções de gênero a partir dos sujeitos abjetos, pois sabemos que esta produção desafia o conhecimento outrora produzido por um ideal de dois gêneros

humanos: macho e fêmea, idealizados como masculino e feminino, respectivamente.

Desta forma, quando o projeto sobre as Masculinidades em corpos femininos se consolida, mediante o desenrolar das suas atividades, ora pelo treinamento, ora pela pesquisa quali quanti, ora pelas articulações para implementação das políticas públicas ver-se-á a construção de um saber implicado com a ética, com a ciência e com a formação de um Estado laico, cuja prioridade é a busca de uma utopia de um mundo mais justo e feliz.

Referências Bibliográficas produzidas através do Projeto

LEITE, Karine; MESSEDER, Suely A. A maternidade nas mulheres masculinizadas lésbicas: a busca da proteção jurídica. In: SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 3. 2013, Salvador. *Anais...* Salvador: EDUNEB, 2013.

MESSEDER, Suely A. Sexualidades e Direitos Humanos na tessitura do Estado: uma experiência antropológica sobre sexualidades na lógica estatal da Bahia. In: IV REA/XIII ABANNE, 2013. Fortaleza: IV REA/XIII ABANNE, 2013.

MESSEDER, Suely A. Quando as lésbicas entram na cena do cotidiano: uma breve análise dos relatos sobre mulheres com experiências amorosas/sexuais com outras mulheres na heterossexualidade compulsória. *Universidade e Sociedade* (Brasília), v. 49, p. 152-157, 2012.

MESSEDER, Suely A. E precisa isso?! Desconstruindo o fio das masculinidades nas vivências de mulheres masculinizadas na Escola e no Mundo do Trabalho. In: VIEIRA, Tereza Rodrigues. (Org.). *Minorias sexuais direitos e preconceitos*. Brasília: Consulex, 2012. v. 1, p. 95-107.

MESSEDER, Suely A. Mesa 4: Novas Perspectivas e desafios políticos atuais. In: COLLING, Leandro. (Org.). *Stonewall 40+ o que no Brasil?* Salvador: Edufba, 2011. v. 1, p. 247-257.

MESSEDER, Suely A. Não me acho masculinizada, mas sim arrojada: os desafios na pesquisa sobre mulheres masculinizadas In: REUNIÃO DA ANTROPOLOGIA BRASILEIRA, RBA28. Desafios antropológicos contemporâneos. *Anais...* São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_28_RBA/programacao/grupos_trabalho/artigos/gt23/Su

ely%20Aldir%20Messeder.pdf>. Acesso em: 15 out. 2013.

MESSEDER, Suely A. O mundo do trabalho das mulheres masculinizadas: um estudo sobre as masculinidades em corpos femininos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS – ABEP, XVIII. *Anais...* Águas de Lindóia/SP, 19-23 nov. 2012. Disponível em:

<[http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER\[321\]ABEP2012.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/files/POSTER[321]ABEP2012.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2013.

MESSEDER, Suely A. No me hayo masculinizada, pero sí arrojada. Los desafíos de la investigación sobre mujeres masculinizadas. In: ÁGUEDA GÓMEZ SUÁREZ. (Org.). *Nuevas miradas sobre el género, la sexualidad y la etnicidad*. Santiago de Compostela: Andavira, 2012. v. 1, p. 249-259.

PEREIRA, A. G. P.; MESSEDER, Suely A. Narrativas subversivas: imagens de uma política da subjetividade na literatura de Cassandra Rios. In: SEMINÁRIO ENLAÇANDO SEXUALIDADES, III. 2013, Salvador. *Anais...* Salvador: EDUNEB, 2013

MESSEDER, Suely A.; PEREIRA, A. G. P. O encontro no universo lésbico de Cassandra Rios: desafios, ambiguidades e tensões nos atos performativos masculinizados em mulheres lésbicas. *Via Atlântica* (USP), 2014.

MESSEDER, Suely A.; LEITE, Karine. Ela tem uma filha... acho que ela não é sapa!: entre a maternidade e a lesbianidade na trajetória de vida das mulheres masculinizadas. 2014

MESSEDER, Suely A. Na trilha de um atendimento médico ético e efetivo: um estudo sobre o mal estar vivenciado pelas mulheres lésbicas masculinizadas na consulta ginecológica. In: Silva, Elenita Pinheiro de Queiroz; TEIXEIRA, Filomena; Ribeiro, Paula Regina Costa. *Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidades: linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios...* (no prelo)

Blog <http://masculinidadefemeas.blogspot.com.br/>

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DAMASCENO, Janaína. O corpo do outro; construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: o caso de Vênus Hotentote. In: FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8. *Anais...* Florianópolis, 2008.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. *Ditos & Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

PEREIRA, Ana Gabriela Pio. *Escritas excessivas: as configurações do desejo lésbico na ficção de Cassandra Rios*. Qualificação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia, 2012.

PIOVEZAN, Adriane. *Amor romântico x deleite dos sentidos: Cassandra Rios e a identidade homoerótica feminina na Literatura (1948-1972)*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

RIOS, Cassandra. *As traças*. Organização Rick J. Santos. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTOS, Rick. Cassandra Rios e o surgimento da literatura gay e lésbica no Brasil. *Revista Gênero – Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*, v. 4, n. 1, p. 17-31, 1. sem. 2003, Niterói: EDUFF, 2003